

Caros Espectadores,

Devido às medidas de segurança sanitárias, o acesso a todas as salas do festival sofrerá algumas alterações. Pedimos a compreensão de todos para a necessidade de cumprimento de todas as normas.

- 1 – Nos espaços com área de acolhimento reduzida, a entrada só poderá fazer-se na altura de abertura das portas das salas. Devirão pois esperar no exterior a abertura de portas.
- 2 – Nos restantes espaços, e de forma a não ultrapassar a lotação permitida no bar ou no foyer, apelamos a que a permanência se limite ao estritamente necessário.
- 3 – Agradecemos que sejam seguidas as normas de circulação sinalizadas ou as que poderão ser indicadas pelos colaboradores que atendem ao bom funcionamento das salas.
- 4 – Apelamos para que seja mantida a distância de segurança entre pessoas, e que todos desinfectem as mãos à entrada, e sempre que tal se justifique.
- 5 – Deve ser respeitada a separação de cadeiras existente nas plateias.
- 6 – O uso de máscara é obrigatório durante a permanência em espaços interiores.
- 7 – A saída das salas deverá começar pela fila mais próxima da porta de saída.

O Festival garante a higienização de todos os espaços segundo as regras estabelecidas.

CÓDIGO QR DO PROGRAMA DO FESTIVAL DE ALMADA



37.º FESTIVAL de almada

03-26 de JULHO 2020



Imagem: Pedro Prouença

TEATRÃO
(Coimbra, Portugal)

A grande emissão do mundo português

Encenação de **Isabel Craveiro**
em co-criação com os actores



Incrível Almadense

Salão de Festas (Almada)

De Sex. 3 a Dom. 5

(em horário diferenciado – consultar Programa)

Duração: 1h30m

Classificação etária: M/12

FICHA ARTÍSTICA E TÉCNICA

DRAMATURGIA

Jorge Palinhos

CENOGRAFIA E FIGURINOS

Filipa Malva

DESENHO E OPERAÇÃO DE LUZ

Jonathan Azevedo

DIREÇÃO MUSICAL

Luís Figueiredo

PREPARAÇÃO VOCAL

Cristina Faria

DESIGN DE SOM

Daniel Bernardo

OPERAÇÃO DE SOM

Nuno Pompeu

INTERPRETAÇÃO

Ana Bárbara Queirós

Celso Pedro

Isabel Craveiro

João Santos

Margarida Sousa

DIREÇÃO DE PRODUÇÃO

Cátia Oliveira

António Ferro – O povo gosta, na verdade, que pensem nele, que procurem diverti-lo e acarinhá-lo.. “Contentar o Povo e não descontentar os grandes, eis a máxima dos que sabem governar”, disse Maquiavel que não era tão feio como o pintavam.

Salazar – Tem toda a razão. A música, na minha opinião é um dos grandes elementos dessa animação do povo. Convencemos assim o povo, pouco a pouco, de que pensamos nele, de que a sua felicidade e o seu bem-estar constituem uma das nossas maiores preocupações.

António Ferro, *Entrevistas a Salazar*, 1933

A VOZ DO SENHOR

A radiodifusão foi a primeira arma do fascismo. O fascismo é feito de ausências e emoções, e nasce de uma nostalgia pela união com aquilo que cremos ser-nos próximo e familiar. A rádio, soprando música e vozes por todo o lado, era a ferramenta perfeita para os totalitarismos da primeira metade do século XX. A voz dos ditadores e seus representantes entrava nas casas e sussurrava promessas e sonhos, convencendo todos de que aquilo que queriam era o que dizia aquela voz amiga – que mais podemos chamar a alguém que nos fala e dentro da nossa própria casa? O som é a dimensão da intimidade. Os nossos cérebros dizem-nos que apenas escutamos quem está perto, quem é querido e quem nos quer bem. Por isso, meio mais emocional do que os jornais, mais intimista do que o cinema, mais subtil do que a televisão, a rádio foi fazedora de nações, normalizadora de culturas, ditadora de línguas e ouvidos, e grande preocupação do Estado Novo, que tomou medidas cuidadosas para a moldar e definir, para assim inventar um Portugal à sua imagem.

Teatralizar a rádio parece um paradoxo, mas um paradoxo vital, para nos recordar como a rádio nos seduziu, nos ensinou, nos distraiu e nos enganou. Um paradoxo também para resgatar vozes, canções, *jingles*, notícias, que achávamos esquecidas, mas que ainda latejam na nossa memória cultural. E nesse resgate recordar como a rádio foi também teatro – encenação de um país, de uma cultura, de uma política – mas também espectáculo ao vivo, feito de protagonistas e figurantes, entusiasmo e imprevistos, problemas e milagres, roteiros e improvisações, e um longo, longo bastidor de histórias que neste espectáculo procurámos reproduzir, ou apenas adivinhar, na busca de, unindo-nos a uma emissão do passado, melhor entendermos os interstícios do país de hoje.

Jorge Palinhos